

TÍTULO: O HOMEM DO CAMPO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A ALFABETIZAÇÃO DOS ASSENTADOS DO INCRA, ATRAVÉS DE PROCESSO LINGÜÍSTICO.

AUTORES: Guilhermina Pereira Corrêa

e-mail: guicorrea@hotmail.com.br

INSTITUIÇÃO: UFPA

ÁREA TEMÁTICA: Educação

1. Educação : um direito de todos.

O homem, porque tem consciência de que é um ser inacabado, busca constantemente ser mais. Aí está, segundo Freire (1979: 27), a raiz da educação, com seu caráter permanente. Ela vem da conscientização humana de que o saber se faz através de uma superação constante.

Entretanto, a aquisição de conhecimento, que é um direito de todas as pessoas, torna-se difícil nos países de terceiro mundo. O atendimento a esse direito básico não é uma realidade para a maioria da população em função do sistema sócio-político- econômico desses países.

No Brasil, nesse contexto, também não se reconhece devidamente a educação como um direito fundamental, por isso sente-se necessidade de buscar alternativas que favoreçam a realização ou a concretização desse direito fundamental. O trabalho com a alfabetização de adultos é uma delas. Feito com seriedade, com compromisso político, leva aquele que teve seu direito à educação negligenciado a fazer uma caminhada em busca de restabelecer ou criar vínculo com o sistema formal de educação, que significa uma relação dele mais íntima com o mundo, com a vida, capacitando-o para criar ou construir sua cidadania, instrumentalizando-o para ler e influir na sua realidade.

O Ministério Extraordinário de Política Fundiária-MEPF, com o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, diante do resultado do I Censo da

Reforma Agrária do Brasil, que mostra a baixa escolaridade dos assentados e o alto índice de analfabetismo entre eles, chegando em alguns estados a 70% e com média nacional de 43%, lançou o Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária – PRONERA, cujo objetivo é desencadear um amplo processo para a Educação de jovens e adultos nos assentamentos de Reforma Agrária.

A UFPA, atendendo ao chamado do Governo Federal, é um dos parceiros desse desafio de erradicar o analfabetismo nos assentamentos do INCRA. Através do Centro de Letras e Artes, em dezembro de 1999 iniciou um trabalho de alfabetização de jovens e adultos em 07 municípios do Nordeste do Pará, envolvendo 1033 alunos de área de assentamentos do INCRA, tendo sido alfabetizados 842 assentados que representam 81,51%, com percentual de evasão de 23,03%.

Em março de 2001 iniciou-se, também, o trabalho em 04 municípios na área da Transamazônica, envolvendo 1.019 alunos, tendo sido alfabetizados 802 assentados que representam 79,29%, com 21,75% de evasão.

2. A Educação a distância e alfabetização de jovens e adultos através de um processo lingüístico.

Para concretizar a tarefa com eficiência e eficácia preparou-se um processo que não só utiliza novas formas de ensinar com novas formas de aprender, como também utiliza uma alfabetização renovadora, com base lingüística.

E como conseguir implementar novas estratégias de ensino aprendizagem capazes de chegar aos mais distantes lugares e às mais variadas pessoas, com igual qualidade, num estado como o Pará, com todos os longes multiplicados por todas as carências?

É a Educação a Distância que tem condições de criar uma escola unitária, porque pode chegar, com a mesma qualidade, à clientela mais díspar e mais distante e por isso

proporcionar uma base comum de conhecimento, independente da região, da situação política, social ou econômica de cada um.

A Educação a Distância permite que pessoas que, por razões sociais, físicas, geográficas ou econômicas não tenham acesso à escola tradicional, encontram nela a alternativa perfeita para construírem seu progresso e da sociedade em que vivem .

Com suas características singulares, a EAD nos permitam vencer o tempo e o espaço, proporcionando o usufruto dos benefícios intelectuais da cidade a todo povo amazônida, para que, de fato, seja erradicado o analfabetismo.

Os recursos humanos que atuaram como propulsores do trabalho, os monitores, foram preparados em cada local de trabalho, através do material impresso, sobretudo, e da ação tutorial, exercida por alunos universitários, que ajudaram os cursistas a perceberem suas potencialidades, a superarem as dificuldades, incentivando-os ao estudo independente, facilitando o processo de auto-aprendizagem.

A capacitação dos monitores começou com um seminário em que se apresentou o processo de alfabetização e a técnica da metodologia de EAD e os cuidados para acompanhar o curso. Dois outros seminários foram feitos, reunindo cursistas por pólos, que agruparam monitores de duas ou três cidades por vez, com objetivo de, presencialmente, fazermos os ajustes necessários ao desenvolvimento do trabalho de renovação pedagógica .

A avaliação do monitor e do alfabetizando foi feita permanentemente baseada na aferição qualitativa e quantitativa dos procedimentos e reações didático-pedagógico do professor e do produto de seu trabalho, a aprendizagem de seus alunos

3. Educação a distância e alfabetização de jovens e adultos através de um processo lingüístico.

Mas, por mais poderosa que seja a mudança, ela não conseguirá se impor tranqüila ou repentinamente. Mesmo que renovações já se sintam, o processo de iniciação à leitura-escrita basicamente não se alterou, nas escolas comuns. Quando o alfabetizando, qualquer que ele seja, chega à classe, é levado a produzir o código escrito, sem que compreenda que está desenhando símbolos que representam aquilo que se fala. É levado a desenhar ou a cobrir letras, a copiar palavras, isto é, fazer antes de compreender o que faz. Embora o instrumento utilizado proponha uma análise da realidade, com o objetivo de transformá-la, ainda que seja levada em consideração a variedade lingüística do educando, a atividade do aprendiz resume-se a cópias, ditados, divisões silábicas.

O educador de uma alfabetização renovadora vai além das preocupações sociais, políticas, econômicas ou dialetais. Vai além das preocupações gráficas, que é o primeiro passo, até hoje, dado em todas as escolas de alfabetização, até mesmo nas que propalam o refrão “ o homem constrói seu conhecimento”.

Uma alfabetização renovadora tem de ter uma base lingüística. Dar base lingüística significa, inicialmente, inverter o processo, isto é, provocar no estudante observação para a relação entre os dois códigos, o falado e o escrito, em primeiro plano, antes de começar a escrever. A alfabetização com base lingüística mostra ao estudante que aprender a escrever não é simplesmente significar o nome do objeto, de ações, de pessoas, de palavras-chaves, ou “geradoras”. Essa preocupação única com a matéria da língua leva ao exercício isolado da memória, sem que se desenvolva a verdadeira natureza da língua. É necessário demonstrar que aprender a escrever não é só dar forma ao som articulado mas é, sobretudo, e elevá-lo a expressão das idéias. E expressamos nossas idéias em textos, não em sons isolados, sílabas ou palavras soltas. Nossa comunicação é textual e isso implica trabalharmos com sons e melodias. Aprender a ler não é somente aprender um código de transcrição da fala ou estabelecer associações entre fonemas e grafemas. Assim estar-se-ia atribuindo funções idênticas à fala e à escrita.

Alfabetizar com base lingüística leva em conta a pluralidade e a diferença entre fala e escrita, com objetivos voltados para uma pedagogia culturalmente relevante e crítica, sim, mas que trabalha com material e estratégias que desenvolvam as habilidades de linguagem.

Entre estas estratégias estão os exercícios que levam o estudante a aprender o simbolismo da linguagem, numa fase perceptiva, para depois começar a produzir.

Combinando as teorias psicolinguísticas de Frank Smith(1991), Emília Ferreiro- Ana Teberosky(1988) e Ângela Pinheiro (1994) com as lingüísticas de Myrian Barbosa da Silva(1981) e Miriam Lemle (1983), propomos um processo de alfabetização que se desenvolve em textos. Nele o alfabetizador começa seu trabalho de iniciação da leitura-escrita, propriamente dita, mostrando ao estudante a relação linguagem oral- linguagem escrita, através de cinco tipos de leitura que ajudam o alfabetizando a desenvolver sua consciência metalingüística, numa fase perceptiva, para depois começar a produzir, transferindo o conhecimento da modalidade oral para a escrita. Nessa transferência, há uma ordem a seguir: começa-se pelos elementos mais produtivos e pelos de relação mais simples e vão-se progressivamente aumentando as dificuldades de representação, sempre dentro do texto, dentro de palavras, inicialmente em sílabas do tipo consoante mais vogal, até completar todos os padrões silábicos da língua portuguesa.

O processo é inicialmente analítico, pois começa em texto, mas chega até o fonema e num caminho inverso vai mostrando ao aprendiz que a representação da fala se faz através de estruturas que se juntam novamente para transmitir novas mensagens.

O principal material pedagógico está impresso em seis manuais que têm propostas para cada aula.

É com este processo de alfabetização com base lingüística que conseguimos alfabetizar assentados do INCRA, nos municípios Cachoeira do Piriá, Aurora do Pará, Ipixuna, Nova Esperança do Piriá, Garrafão do Norte, Vizeu, São Francisco do Pará, Uruará, Altamira, Pacajá e Medicilândia, no Pará.

É importante notar que a desenvoltura lingüística do alfabetizando, neste trabalho, revela-se satisfatório, quando se percebe que o recém-alfabetizado não encontra dificuldades de leitura e escrita no seu dia-a-dia; quando se vê que o assentado, ao prosseguir seus estudos, matriculando-se no EJA, entra na segunda etapa do ensino fundamental; quando se ouve declarações, gravadas em vídeo, externando satisfação dos alfabetizados ao perceberem a melhoria que trouxe a alfabetização para suas vidas, que não dependem mais de ninguém para ler e assinar documentos, para se posicionarem diante de um texto escrito.

As pesquisas e interferências do estudante universitário junto ao alfabetizando e ao alfabetizador resultaram em vários trabalhos de conclusão de curso.

Todos lucram com o trabalho e a UFPA cumpre a obrigação de ir além de si mesma, desenvolvendo a exequível alternativa para melhorar a vida dos assentados do INCRA, dando ao aluno universitário um ensino integrado à pesquisa e à extensão.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio, Paz e Terra, 1977.
- LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. São Paulo, Ática, 1987.
- PINHEIRO, A.M.V. *Leitura e Escrita: Uma Abordagem Cognitiva*. Campinas, Editora Psy II, 1994.
- SILVA, Myriam Barbosa da. *Leitura, Ortografia e Fonologia*. São Paulo, Ática, 1981.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a Leitura. Uma Análise Psicolingüística da Leitura e do Aprender a Ler*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.